

20/11/2015 - 05:00

Como deixar de alimentar o terrorismo

Por **Jeffrey D. Sachs**

Os ataques terroristas a civis, seja a derrubada de um avião russo sobre o Sinai que matou 224 passageiros civis, o massacre terrível de 129 vidas inocentes em Paris ou as trágicas bombas em Ancara que mataram 102 ativistas pela paz, são crimes contra a humanidade. Seus responsáveis - no caso, o Estado Islâmico - precisam ser parados. Para que se tenha êxito, é necessário compreender com clareza as raízes dessa rede impiedosa de jihadistas.

Ainda que seja doloroso admitir, o Ocidente, em especial os Estados Unidos, teve responsabilidade significativa na criação das condições para que o EI crescesse. Apenas mudanças na política externa europeia e americana em relação ao Oriente Médio podem reduzir o risco de mais casos de terrorismo.

Os recentes ataques devem ser vistos como um terrorismo que é consequência de ações que saíram pela culatra: um terrível resultado imprevisível de ações militares, públicas e secretas, dos EUA e da Europa no Oriente Médio, África Setentrional, Nordeste da África e Ásia Central para derrubar governos e instalar regimes complacentes com os interesses do Ocidente. Essas operações não apenas desestabilizaram as regiões-alvo e causaram grande sofrimento, mas também colocaram as populações nos EUA, União Europeia, Rússia e Oriente Médio em grande risco diante do terrorismo.

O uso da CIA como exército secreto de desestabilização tem um longo e trágico histórico de fracassos. Acabar com o caos provocado pela CIA seria um grande avanço para acabar com a violência e ódio contra o Ocidente que alimentam o terrorismo de hoje

Nunca foi contada realmente ao público a verdadeira história de Osama bin Laden, da Al-Qaeda, ou da ascensão do EI no Iraque e Síria. A partir de 1979, a central de inteligência americana (CIA) mobilizou, recrutou, treinou e armou jovens sunitas para combater a ex-União Soviética no Afeganistão. A CIA recrutou em grande escala membros de populações muçulmanas (inclusive na Europa) para formar os mujahidin, uma força de combate sunita multinacional mobilizada para expulsar os infiéis soviéticos do Afeganistão.

Bin Laden, de uma rica família saudita, foi trazido para ajudar a liderar e a financiar a operação. Foi algo típico das operações da CIA: recorrer a financiamento improvisado por meio de uma família saudita rica e a recursos do contrabando e do tráfico de drogas local.

Ao promover o ponto de vista central de uma "jihad" para defender as terras do islã (Dar al-Islam) contra forasteiros, a CIA produziu uma força de combate calejada, de milhares de jovens deslocados de seus lares e dispostos a lutar. É essa força de combate inicial - e a ideologia que a motivou - que hoje ainda forma a base das insurgências jihadistas sunitas, incluindo o EI. O alvo original dos jihadistas era a União Soviética, hoje são EUA, França, Reino Unido e Rússia.

No fim dos anos 80, com a retirada soviética do Afeganistão, alguns elementos dos mujahidin se metamorfosearam na Al-Qaeda, "a base", em árabe, que se referia às instalações militares no Afeganistão construídos para os mujahidin por Bin Laden e a CIA.

As consequências negativas inesperadas contra os EUA começaram a tomar forma em 1990 com a primeira Guerra do Golfo, quando os EUA criaram e expandiram suas bases militares em Dar al-Islam, principalmente na Arábia Saudita, lar da fundação do Islã e de seus locais mais sagrados. Essa expansão da presença militar dos EUA foi uma afronta à ideologia central jihadista.

A guerra sem motivo dos EUA contra o Iraque em 2003 soltou os demônios. A própria guerra em si não apenas foi lançada com base em mentiras da CIA; também almejou criar um regime liderado por xiitas, subserviente aos EUA, e uma afronta aos jihadistas sunitas e a muitos outros iraquianos sunitas que estavam dispostos a pegar em armas. Mais recentemente, os EUA, França e o Reino Unido derrubaram Muamar Gadafi na Líbia e os EUA trabalharam com generais egípcios que derrubaram o governo eleito da Irmandade Muçulmana. Na Síria, depois de o presidente Bashar al-Assad reprimir com violência protestos públicos pacíficos em 2011, os EUA, a Arábia Saudita, a Turquia e outros aliados regionais ajudaram a fomentar uma insurgência militar que empurrou o país para dentro de uma espiral de caos e violência.

Essas operações fracassaram e não conseguiram produzir governos legítimos e nem mesmo uma estabilidade rudimentar. Ao virar de ponta-cabeça governos estabelecidos, embora autoritários, no Iraque, Líbia e Síria, e ao desestabilizar o Sudão e outras partes da África consideradas hostis ao Ocidente, essas ações contribuíram muito para alimentar o caos, banhos de sangue e guerras civis. Foi essa desordem que permitiu ao EI capturar e defender territórios na Síria, Iraque e partes da África Setentrional.



São necessários três passos para derrotar o EI e outros jihadistas violentos. Primeiro, o presidente dos EUA, Barack Obama, deveria cancelar as operações secretas da CIA. O uso da CIA como exército secreto de desestabilização tem um longo e trágico histórico de fracassos, todos escondidos dos olhos do público sob o manto de sigilo da agência. Acabar com o caos provocado pela CIA seria um grande avanço para acabar com a instabilidade, violência e ódio contra o Ocidente que alimentam o terrorismo de hoje.

Segundo, EUA, Rússia e outros membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) deveriam interromper de imediato as disputas internas e criar um plano para a paz na Síria. Além disso, as ações militares contra o EI apenas poderão ser bem-sucedidas com a legitimidade e o apoio do Conselho de Segurança da ONU.

O plano da ONU deveria incluir o fim imediato da insurgência contra Assad buscada por EUA, Arábia Saudita e Turquia; um cessar-fogo na Síria; uma força militar com mandato da ONU para enfrentar o EI; e uma transição política na Síria que seja ditada, não pelos EUA, mas pela ONU, em consenso, para apoiar uma reconstrução política não violenta.

Por fim, a solução de longo prazo para a instabilidade regional está no desenvolvimento sustentável. Todo o Oriente Médio está assolado não apenas por guerras, mas também pelo agravamento de problemas de desenvolvimento: a intensificação do problema de água potável, a desertificação, o alto desemprego entre a juventude, sistemas educacionais ruins e outros sérios empecilhos.

Mais guerras - especialmente guerras apoiadas pela CIA e lideradas pelo Ocidente - não vão resolver nada. Em contraste, mais investimentos em educação, saúde, fontes de energia renováveis, agricultura e infraestrutura, financiadas pela região e internacionalmente, são a verdadeira chave para construir um futuro mais estável para o Oriente Médio e o mundo.

(Tradução de Sabino Ahumada)

Jeffrey D. Sachs é professor de economia e diretor do Instituto Terra, da Columbia University. É também assessor especial do secretário-geral das Nações Unidas no tema das Metas de Desenvolvimento do Milênio. Copyright: Project Syndicate, 2015.

www.project-syndicate.org